

Nossas histórias: o envelhecimento entrelaçado em pontos de capitonê

Mara Eloisa Tresoldi
Letícia Wilke Franco Martins
Luciana Sarmento Cardoso

Resumo: Este estudo trata do relato de uma experiência de estágio básico em Psicologia, numa Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) que romperam com os vínculos familiares por situação de abandono, maus tratos ou outros. O trabalho desenvolvido no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), em conjunto com a ILPI, tem como objetivo atender as demandas dos idosos de alta complexidade indo além dos cuidados básicos de alimentação e higiene. O objeto de intervenção psicológica foi a dinâmica de um jogo em grupo tratando da reconstrução de memórias a partir das emoções e da apropriação da própria história de vida dos sujeitos residentes na ILPI, construindo um espaço de escuta às emoções e outras questões dos idosos em acolhimento institucional propiciando o bem-estar psicológico no envelhecimento.

Palavras-chave: Idoso institucionalizado; Intervenção psicológica; Jogo em grupo; Emoções; História de vida.

Abstract: This study is about a basic internship experience report in Psychology, in a Long Stay Institution for the Elderly (ILPI), which broke away from family ties due to abandonment, mistreatment or others. The work developed at the Specialized Reference Center on Social Assistance (CREAS), along with the ILPI, aims to meet the elderly demands with high complexity going beyond basic food and hygiene care. The object of psychological intervention was a group dynamics game treating of memories reconstruction from the emotions and appropriation of the own subjects life history living in ILPI, building a listening space to emotions and other elderly issues in the institutional host providing psychological well-being in aging.

Keywords: Institutionalized elderly; Psychological intervention; Group game; Emotions; Life history.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser social e se constitui na convivência grupal desde que nasce. A riqueza das relações do grupo familiar e dos outros grupos sociais onde irá conviver, compartilhar valores, construir e consolidar sua cultura é que irão compor a sua história.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

A partir dessa premissa compreendemos a necessidade de abordar a relevância da convivência grupal na terceira idade. Optamos pela prática do Estágio Básico II numa ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos) onde também são acolhidos idosos vítimas de abandono, negligência e maus tratos.

Diante da dicotomia que observamos antes e no transcorrer da intervenção, a saber, a acidez imbricada na complexidade de demandas e a beleza tecida na robustez de histórias que resultam da maturidade, contextualizamos algumas questões do envelhecimento através da metáfora dos pontos de capitonê e seus entrelaçamentos.

Capitonê é uma técnica de bordado antiga e utilizada no mundo todo. Trata-se da confecção de almofadas, colchas e outras peças úteis ou de pura arte, geralmente em tecido. A partir de quadrados retilíneos riscados e costurados para delinear formas geométricas ou irregulares o tecido vai sendo marcado com pespontos ou botões. Para ampliar o encanto deste bordado, podemos complementar os pontos com pequenas pérolas ou pedrarias coloridas.

Para fazer este bordado faz-se necessário o dobro de tecido, pois são feitas inúmeras dobras e pregas e quando o trabalho está concluído, o tamanho fica reduzido a quase a metade do inicial, revelando a robustez e beleza do bordado.

Assim como o ponto de capitonê, as histórias vividas pelos idosos são repletas de pontos, amarras e tramas tecidas ao longo de toda vida. Encontrar os pontos de capitonê nessas histórias, pode abrir espaço para uma escuta sensível às situações complexas trazidas pelos idosos. Assim como podem emergir os pontos rompidos ou corrompidos, certamente surgirão aqueles que possibilitarão os entrelaçamentos possíveis para fortalecer esses sujeitos em seu contexto.

A instituição onde ocorreu a prática de Estágio Básico II está localizada no final de uma rua sem saída, no mesmo bairro do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) que faz visitas semanais para fiscalizar o atendimento aos idosos, pois possui um contrato de compra de vagas na ILPI para idosos com vínculos familiares rompidos ou inexistentes. Atualmente, existem 31 idosos institucionalizados, sendo 10 através do contrato com o CREAS.

O objetivo geral do estágio foi construir um espaço de escuta às emoções e outras questões dos idosos em acolhimento institucional propiciando o bem-estar psicológico no envelhecimento. Assim, através de um jogo (Bingo das Emoções), tivemos como objetivos específicos oportunizar um momento de grupo para que os idosos relassem suas emoções e os

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: lucianacsarmento@terra.com.br

episódios de sua história de vida; fortalecer a memória para eventos do passado e a memória para as intenções do futuro; interligar os processos sociais e subjetivos dos idosos para a promoção de transformações; contribuir para a compreensão do desenvolvimento humano; promover a convivência social para uma velhice saudável; estimular o idoso a identificar diferentes emoções; acionar a memória do idoso através de narrativas de suas vivências reconstruindo sua história; proporcionar o autoconhecimento acerca de sua história de vida e dos idosos com quem convive; diminuir a tensão e o isolamento que podem ocorrer no idoso institucionalizado e promover reflexões sobre seus sentimentos, fortalecendo os vínculos com os demais idosos com quem convive.

2 SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Na contemporaneidade, existem inúmeras mudanças que por vezes acarretam uma revisão de conceitos e comportamentos e o envelhecimento, que tem sido objeto de estudo em muitos espaços, também está inserido nessas variações conceituais.

O envelhecimento demográfico tem aumentado consideravelmente no contexto mundial e brasileiro e isso é um fato nas estatísticas atuais. A violência contra idosos também tem aumentado e tem sido expressada através do grande número de denúncias de abandono, negligência, agressão física e desrespeito que atingem esta população.

As medidas preventivas e protetivas têm-se ampliado para coibir a violência na velhice, sendo as mais comuns as denúncias diretas no MP (Ministério Público), no Disque Secretária de Direitos Humanos (Disque 100), a busca de auxílio nos CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e CREAS. Os CRAS e o CREAS são serviços municipalizados e seguem a LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), Resolução 109/2009, e demais legislações federais da assistência social. Diante de uma denúncia de maus tratos ou abandono, a equipe técnica da proteção social especial (CREAS) realiza uma intensa investigação, e, se comprovada a violência, negligência e/ou abandono de idoso que não consegue dar conta de suas demandas por questões psíquicas, físicas ou de outra ordem, o CREAS, juntamente com o MP encaminham a situação ao judiciário e, através de mandado específico, é determinada a sua institucionalização. O idoso ficará aos cuidados do poder público, representado pela equipe do CREAS. Sendo assim, os municípios que não possuem unidade de acolhimento próprias, fazem a contratação deste serviço através de licitação.

O município onde foi realizado o Estágio Básico II tem contrato firmado com uma ILPI para onde são levados os idosos em risco pessoal ou social, após determinação judicial.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

A equipe do CREAS faz a fiscalização da ILPI e desenvolve atividades com os idosos sob sua responsabilidade na própria instituição e na unidade CREAS através de atendimentos semanais. As observações e a intervenção realizada envolveram as duas unidades que trabalham de forma compartilhada, a saber, a ILPI e o CREAS que contrata seus serviços.

O SUAS (Sistema Único da Assistência Social) propõe as suas intervenções a partir de duas grandes estruturas articuladas entre si: a Política de Proteção Social Básica, que dá conta da atenção básica (oferecida nos CRAS), e a Política de Proteção Social Especial (PPSE), considerando ações de média e alta complexidade (oferecida no CREAS).

As atividades da PPSE são diversificadas, pois devem estar de acordo com níveis de complexidade (Média ou Alta) e conforme a situação vivenciada pelo indivíduo ou sua família. Os Serviços de PPSE são interligados ao sistema de garantia de direitos, exigindo uma gestão mais complexa e compartilhada com o Poder Judiciário, o Ministério Público e com outros órgãos e ações do Poder Executivo. O CREAS é uma unidade pública estatal que oferta serviços de PPSE, especializados e continuados, gratuitamente (com recursos federais e municipais) a famílias e indivíduos em situação de ameaça ou violação de direitos. Além da oferta de atenção especializada, o CREAS tem o papel de coordenar e fortalecer a articulação dos serviços com a rede de assistência social e demais políticas públicas.

2.1 SOBRE A UNIDADE CREAS ONDE FOI REALIZADO O ESTÁGIO BÁSICO II

A equipe técnica do CREAS é composta por uma pedagoga, que também é coordenadora técnica da unidade, três assistentes sociais, duas psicólogas, uma terapeuta ocupacional e uma fonoaudióloga. Também possui uma auxiliar de limpeza que trabalha apenas nesta unidade. Ainda possui um educador social e um motorista que são chamados quando necessário (geralmente com agendas fixas).

Os serviços do CREAS estão voltados essencialmente a matricialidade sociofamiliar. Assim, esta Unidade, destina-se ao atendimento especializado a famílias de pessoas com deficiência e idosos com algum grau de dependência, que tiveram suas limitações agravadas por violações de direitos assegurando a pessoa com deficiência, aos idosos e sua família, acesso a seus direitos enquanto sujeito e cidadão e aos meios de desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades para conquista da autonomia.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

A equipe do CREAS conta com duas psicólogas e, embora as duas estejam apropriadas dos serviços da Unidade, uma atende, prioritariamente, as Medidas Socioeducativas em Meio Aberto e a outra, os idosos e as pessoas com deficiência.

A psicóloga que atende os idosos atua nas visitas mensais à ILPI e com agendas individuais no CREAS compondo as atividades em conjunto com a equipe técnica, geralmente em sessão compartilhada com a terapeuta ocupacional ou outro profissional. O desempenho de suas funções está voltado à promoção da saúde e qualidade de vida daqueles que acessam ou são encaminhados aos serviços contribuindo para mitigar as situações de violação de direitos.

2.2 SOBRE A ILPI QUE TRABALHA DE FORMA COMPARTILHADA COM O CREAS

Como já foi descrito, a instituição está localizada no final de uma rua sem saída, no mesmo bairro da Unidade CREAS, cuja equipe técnica faz visitas semanais para fiscalizar o atendimento aos idosos.

A instituição é composta por dois prédios térreos, sendo o da frente com uma área gradeada (para proteção dos idosos), na qual bate o sol da manhã. Numa das visitas de observação, encontramos uma idosa sentada numa poltrona da referida área. A idosa, sorrindo, falou: “*Estou tomando um solzinho pra terminar de secar meus cabelos*”.

A ILPI mantém o espaço físico arejado e em condições de atender a população de idosos que ali se encontram. Percebemos uma rotina institucional que indica o atendimento às necessidades básicas dos idosos que estão acolhidos, sem queixas significativas por parte de nenhum idoso observado. Durante as observações e a intervenção, alguns idosos relataram o desejo de voltar a morar com a família e/ou sair da ILPI para terem a vida que tinham no passado. Para a grande maioria, isso não será possível.

2.3 SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE CONTEMPLAM OS IDOSOS

Sabemos que as políticas públicas em nosso País, abrangem as áreas da assistência social, educação e saúde, com o objetivo de contemplar um universo cada vez maior de sujeitos que possuem demandas a serem atendidas e, por vezes, quando acessam os serviços já estão com seus direitos básicos violados, o que os caracteriza como Média Complexidade. E, quando há o rompimento com a família ou, na ausência dela, caracteriza-se uma situação de

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: lucianacsarmento@terra.com.br

Alta Complexidade. Entende-se como direitos básicos aqueles que a legislação busca garantir através da Constituição Federal, através da seguridade social (saúde, assistência social e previdência), com a LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social/ Lei N° 8.742/1993), entre outras. Assim, a legislação referente a assistência social tem evoluído principalmente a partir na Constituição Federal de 1988, que deu origem a LOAS e a PNAS (Política Nacional de Assistência Social), prevista nos artigos 18 e 19 da LOAS. A partir daí, outros marcos normativos e regulatórios surgiram como fruto de intensas discussões realizadas na esfera pública e política, para operacionalização de serviços, programas, projetos e benefícios voltados às pessoas em situação de vulnerabilidade social, rompendo com o assistencialismo.

A escolha do local para o Estágio Básico II não foi casual, pois a graduanda em Psicologia trabalha no CREAS desde sua fundação. Além de trabalhar como coordenadora da Unidade atua como Pedagoga e, por vezes, como Musicopedagoga. Mesmo que eventualmente o distanciamento necessário seja fragilizado, trata-se de um estudo que também irá enriquecer sua práxis, principalmente no atendimento aos idosos de Alta Complexidade. As características do envelhecimento como perda da autonomia, falta de projetos de vida, extrema pobreza e abandono constituem uma forma de envelhecimento solitário e atroz. As pesquisas relacionadas as questões do envelhecimento levaram a servidora pública a buscar aprofundamento teórico na faculdade de Psicologia.

A unidade CREAS é um espaço planejado e bem equipado para o atendimento da população a qual se destina, embora sempre ocorram situações e demandas para as quais não se tem referencial e exigem muitas construções da equipe na tentativa de mitigar o sofrimento dos seres humanos que chegam até o serviço.

Em relação às ações da equipe técnica, podemos considerar a perspectiva multi e transdisciplinar para compreensão do desenvolvimento humano e sabemos que são relevantes no cotidiano da unidade CREAS. E sobre o desenvolvimento humano daqueles que necessitam dos serviços oferecidos no CREAS, podemos considerar que as características pessoais e os estímulos do meio também têm influência sobre a construção desse desenvolvimento humano. Conforme Sousa e Rodriguez-Miranda, “podemos defender que o conceito atual de desenvolvimento humano deverá ser entendido numa perspectiva multidisciplinar e transdisciplinar, que compreende, e onde se consubstanciam interativamente, as dimensões psicológica, social, comunitária, econômica, cultural, científico-técnica e educacional.” (SOUSA & RODRIGUEZ-MIRANDA, 2015, p. 35). A busca pelas construções teóricas presentes na literatura atual discute com as principais características apresentadas pelos idosos na atualidade. Neri e Yassuda (2004) nos mostram que “os estudos sociológicos e psicológicos sobre a influência dos eventos de vida sobre a personalidade contribuem significativamente para o enriquecimento teórico e metodológico

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

da gerontologia atual, bem como para o fortalecimento de intervenções clínicas mais adequadas aos idosos” (NERI & YASSUDA, 2004, p.51).

A fundamentação teórica oferecida nessa breve revisão da literatura ratifica a importância das equipes atuarem de forma, no mínimo, multi e transdisciplinar para contemplarem esses sujeitos que podem se desenvolver a partir de intervenções entrelaçadas entre os campos disponíveis.

2.4 SOBRE O ENVELHECIMENTO

Mesmo diante de relações intergeracionais conflituosas ou caracterizadas pelo abandono afetivo, os idosos podem se reorganizar e retomar sua história de vida. Podemos recorrer a Frooken (2015), quando nos revela que “a maneira como as pessoas idosas lidam com a sua própria história de vida e se apropriam dela pode ser entendida como uma parte do seu capital de formação e representa, também, uma forma de instrumento de transmissão nas relações intergeracionais.” (FROOKEN, 2015, p.24)

Ainda podemos refletir sobre a importância da memória que é algo complexo e as dificuldades relacionadas a ela podem surgir na vida adulta e velhice. Em PAPALIA; OLDS e FELDMAN (2010) verificamos que é possível aumentar o uso de estratégias de memória para os idosos, através de treino dessa memória. Assim, a criação de um espaço de escuta do dito e não dito pelos idosos pode acarretar uma maior qualidade de vida.

Diante da tentativa de compreender o desenvolvimento humano sabemos que tão importante como o acesso aos profissionais é o respeito ao momento e a dinâmica que estão sendo utilizadas. É fundamental que as equipes atuem de forma, no mínimo, interdisciplinar para contemplar esses sujeitos que podem se desenvolver a partir de intervenções entrelaçadas entre os campos disponíveis. É importante destacar que a interface de várias áreas, incluindo a psicológica, poderá favorecer a autonomia, a resiliência e a manifestação dos desejos. Só assim, provavelmente, os idosos poderão ser agentes ativos na construção de sua história do seu próprio desenvolvimento.

3 INTERVENÇÃO GRUPAL

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

Sabemos que o grupo, mesmo que breve, permite a observação de diversos fenômenos, a percepção mútua uns dos outros, a interdependência entre os participantes e a produção de novos significados e saberes.

A interface de vários campos, principalmente na borda entre a psicologia social e a sociologia, originou o que Osório (2003), psiquiatra e psicanalista, apresenta como psicologia grupal. O autor ainda anuncia de forma sucinta as contribuições dos diversos vértices na constituição da psicologia grupal, a saber: da dinâmica de grupos, da Psicanálise, da Teoria dos Vínculos e dos Grupos Operativos, do Psicodrama e da Teoria Sistêmica. (OSÓRIO, 2003)

O que tomamos aqui da psicologia grupal apresentada por Osório é, seu objeto, a saber: “os microgrupos humanos, entendendo-se por tal todos aqueles nos quais os indivíduos podem reconhecer-se em sua singularidade (ou percebem uns aos outros como seres distintos e com suas respectivas identidades psicológicas), mantendo ações interativas na busca de objetivos compartilhados.” (OSÓRIO, 2003, p.11)

O autor prossegue anunciando que “Freud, ao considerar os diversos desenvolvimentos possíveis na terapia psicanalítica, previu a possibilidade de ter que se adaptar a técnica analítica às demandas criadas pela enorme carga de sofrimento neurótico existente no mundo.” (OSÓRIO, 2003, p. 22) Segundo Osório, em 1918, num congresso em Budapeste, Freud manifestou “preocupação então vigente pela restrição dos benefícios da análise há uma fração mínima da sociedade.” (OSÓRIO, 2003, p. 22)

Osório (2003, p. 16) relata que, conforme citado por Freud, “o grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam exatamente como as células que constituem um corpo vivo formam, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente.”

Osório (2003, p.16) ainda refere-se às contribuições da psicanálise quando Freud aborda a questão da identificação chegando ao “núcleo do que se constitui a mentalidade grupal do ponto de vista psicanalítico. Para ele a identificação era ‘a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa’ e, conseqüentemente, a via pela qual podemos estabelecer a grupabilidade.”

Podemos considerar que quando Freud abordou os fenômenos sociais, ponderou a prerrogativa de que seus sucessores fizessem “tentativas que daí em diante se sucederam no

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

sentido de transpor a técnica analítica, criada no contexto da situação dual analista – paciente, para a situação grupal” (OSÓRIO, 2003, p.19).

Portanto, embora Freud não tenha indicado a psicoterapia numa “situação grupal, muitos de seus discípulos construíram um modelo psicoterápico aplicável aos grupos a partir da situação psicanalítica primordial” (OSÓRIO, 2003, p.19).

Cortesão, um dos principais teóricos da psicanálise, no caso, grupanálise, aplicada a grupos em Portugal, é citado por Osório quando nos explica que “a grupanálise e a psicanálise devem ser conceitualizadas e descritas como métodos de investigação e terapia diferentes, ainda que não contraditórios, com bases teóricas comuns, mas procedimentos operatórios distintos” (OSÓRIO, 2003, p.22).

Dessa forma, a dinâmica a ser utilizada no grupo de idosos em acolhimento institucional será pautada numa escuta sensível às demandas que emergirem do discurso dos sujeitos participantes e no encaminhamento de um segundo momento onde iremos concretizar o desejo do grupo.

4 A INTERVENÇÃO: JOGO BINGO DAS EMOÇÕES

Após as observações, surgiu a ideia de realizarmos um encontro para a reconstrução de memórias a partir das emoções e da apropriação de sua própria história de vida. Assim, foi proporcionado um espaço para compartilhar e transmitir as experiências e emoções através de um jogo em grupo onde os idosos foram estimulados a acionar sua memória, por meio de narrativas de suas vivências, reconstruindo sua história.

Sendo assim, podemos dizer que o objeto de intervenção é a dinâmica de um jogo em grupo tratando da reconstrução de memórias a partir das emoções e da apropriação da própria história de vida dos sujeitos residentes em ILPI.

A partir do que foi explicitado, foi feito um grupo na ILPI para realização do Jogo Bingo das Emoções, onde foi realizada uma escuta sensível às emoções dos idosos e demais demandas que emergiram do discurso dos sujeitos participantes. No referido grupo foi feito o acolhimento das histórias, emoções e vivências para, a partir desse ponto intervir de forma breve e identificar os elementos psicossociais que poderão ser trabalhados em outras

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

intervenções. A análise das demandas dessa população foi feita em conjunto com os idosos contando com os profissionais que convivem diariamente com eles.

O jogo tem como finalidade apresentar diferentes emoções fazendo com que o idoso receba estímulos externos para acionar sua memória, através de narrativas de suas vivências, reconstruindo sua história.

Ao chegarmos na ILPI, fomos autorizados a circular pelos quartos e sala de TV convidando os idosos disponíveis para participar da atividade. Muitos idosos são de alta complexidade e encontram-se acamados e muito fragilizados fisicamente. Alguns idosos decidiram participar e foram conduzidos até o refeitório onde há duas mesas grandes, boa iluminação e ventilação adequados para a atividade. Nomearemos os cinco idosos participantes como Sr^a. Zu, Sr^a. Le, Sr. Dan, Sr. Val, Sr. It.

Os idosos foram acolhidos com um sorriso e um abraço. Após o acolhimento e de todos estarem acomodados à mesa, foi solicitado que fechassem os olhos por um minuto para ouvirem a música de Daniel Namkhay (músicas que remetem o ser humano a conectar-se à natureza através dos instrumentos de percussão e sopro criados com materiais naturais como: madeira, bambu, barro...). A música criou um ambiente lúdico e descontraído e, concomitante a apreciação musical, foi solicitado que fizessem a inspiração e expiração lenta e profundamente. A música foi reproduzida durante toda intervenção num volume baixo.

A comunicação das regras foi apresentada de forma clara e concisa e a estagiária em psicologia fez uma escuta tranquila do que os idosos apresentaram, sem alterar a voz, usando expressões que evocassem confiança, tais como: “talvez pudéssemos pensar de outro jeito...”; “percebi que alguém deseja falar de outra forma...”; “sua fala é muito importante para todos nós, e, quem sabe poderíamos ouvir alguém que pense diferente...”.

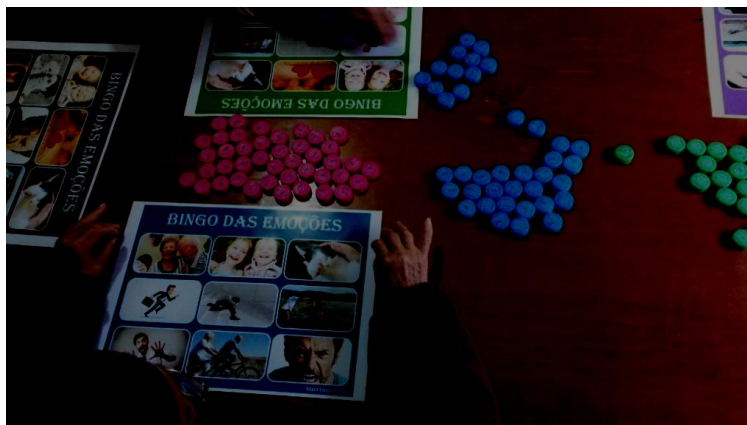
A seguir cada idoso recebeu uma cartela do Bingo. São cartelas feitas especialmente para esta atividade, em tamanho A3 (para facilitar a visualização) com nove imagens cada uma, representando algumas emoções. Também receberam um conjunto de marcadores coloridos (tampinhas de garrafa pet, pois possuem tamanho adequado à dificuldade da motricidade fina apresentada por grande parte dos idosos). Cada idoso recebeu um conjunto de tampinhas coloridas para marcar sua cartela. Isso foi explicado, mas eles colocaram as tampinhas sobre a mesa e organizaram por grupos de cores (figura 1) deixando no coletivo. Essa é uma característica que encontramos na ILPI, pois tudo é coletivo e, com o passar do tempo, os idosos perdem a individualidade. Há poucos momentos em que referem-se às “suas coisas”, pois quase tudo é coletivo.

Figura 1- Idosos jogando o Bingo das Emoções

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br



Fonte: Mara Eloisa Tresoldi

Foi solicitado que observassem a sua cartela e pensassem sobre o que acontece em cada imagem. *Quem gostaria de comentar sobre o que está vendo? Quem tem alguma lembrança a partir do que vê nas imagens?*

Sr^a. Zu iniciou dizendo que uma das pessoas da cartela era parecida com um dos moradores que não estava presente. Sr. Dan revela: *“A Sr^a. Le botou apelido de Tição em mim”*. Falou rindo e olhando para a Sr^a. Le. A Sr^a. Zu entrevistou imediatamente dizendo: *“Explica pra ele que é o Maneca, não ele. O Maneca é que nós chamamos de Tição”* Todos acharam graça da confusão de apelidos. Um foi complementando a fala do outro para contar que colocam apelidos uns nos outros, mas sempre com respeito.

Foi explicado que há um conjunto de fichas com as mesmas imagens que estão nas cartelas e o nome das emoções dentro do saquinho de tecido (foi mostrado). Na medida em que as emoções fossem apresentadas, deveriam ser marcadas na tabela. A estagiária em psicologia deixou claro no início do jogo que mesmo que sejam identificadas aproximações conceituais, para fins de marcação no jogo, valerá a imagem que consta na cartela e vencerá o jogador que marcar as nove imagens primeiro.

Foi retirada a primeira ficha cuja emoção era “carinho”. A estagiária em psicologia perguntou: *“Qual imagem pode ser compreendida como carinho?”* Os idosos apontaram para quatro imagens e justificaram a escolha. A estagiária valorizou todas as respostas, pois não há certo ou errado já que estamos falando de das vivências e da nossa história de vida. Porém, foi explicado que para fins de marcação de ponto no jogo a imagem seria a da ficha. A mesma foi mostrada e quem tinha a imagem em sua ficha vibrou e marcou. A Sr^a. Zu, muito ansiosa revelou: *“Quero marcar o coração!”* Referindo-se a imagem de dois corações cuja emoção correspondia a amor.

¹Graduada em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

A cada ficha apresentada, os idosos foram estimulados a falar dos sentimentos advindos dessa emoção. Foi dado tempo para que os idosos organizassem o pensamento e expressassem seus sentimentos e suas experiências. Foi lembrado que a discordância entre as questões conceituais não deve ser considerada como um elemento negativo, pois é saudável que pessoas com diferentes origens e culturas possam manifestar suas percepções respeitando as demais no grupo. Foi um momento importante, pois os idosos compreenderam que os colegas de jogo sentem de forma diferente as mesmas emoções.

Assim, seguimos sucessivamente até que surgisse o primeiro vencedor que foi o Sr. Val. Foi possível fazermos uma segunda rodada e quem venceu radiante, foi a Sr^a. Zu. Podemos destacar alguns comentários dos idosos sobre as imagens durante o jogo. Sr. Dan disse: *“Isso aqui deve ser bom pra cabeça, pra gente pensar mesmo. Esse aqui (apontou para a imagem do homem correndo, com pressa) deve tá correndo de medo”*. A estagiária pergunta se alguém tem medo de algo. Sr. Dan respondeu prontamente: *“O medo assusta a gente. Não tenho medo de fantasma, mas tenho medo de gente. Tem pessoas que me dão medo, mas não aqui (referindo-se à ILPI)”*. A Sr^a. Zu disse: *“Eu tenho muito medo.”* Questionada sobre o tipo de medo preferiu não falar. A estagiária pergunta sobre a emoção que mais chamou a atenção deles, os idosos elencaram, na maioria, a emoção “medo”.

O Sr. Val, que foi vitorioso na primeira rodada, embora emita sons não fala, pois ficou impossibilitado após um acidente vascular cerebral, porém possui uma boa reserva cognitiva e compreende muito bem tudo que lhe é solicitado. Fazia movimentos com a cabeça referindo-se a “sim” ou “não”, participando, mesmo que precariamente, do diálogo do grupo. Também é usuário de cadeira de rodas.

O Sr. It. possui a mobilidade reduzida, mas não necessita de cadeira de rodas. Demonstrou capacidade de compreensão e participou do jogo, mas só manifestou-se oralmente quando informou que iria ao banheiro.

No final da segunda rodada os idosos foram questionados sobre o que gostaram e o que não gostaram no nosso momento de atividade. Sr^a. Zu, muito animada falou: *“Gostei dessa foto. Ela bem alegre e passeando de bici com ele”*. Sr. Dan continua: *“Eu sou alegre. Deixa eu pensar, só tenho alegria. Tenho saúde, não tenho tristeza, como e durmo bem”*. A Sr^a. Zu confirma: *“Eu também sou bem alegre!”* O Sr. Val apontou para a imagem em que aparece um grupo de três idosos rindo muito. A estagiária questiona se é a imagem que refere-se à “disposição” que ele mais gostou e ele confirma com a cabeça.

O Sr. It. apenas apontou para a imagem da coragem. A estagiária pergunta se foi a que mais gostou e ele confirma com um sorriso.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

O fato de serem idosos que encontram-se em instituição de longa permanência e que em sua grande maioria romperam com os vínculos familiares faz com que percam a individualidade, mas emergem outras construções que podem ser valorizadas neste contexto. Nos últimos dez dias houve a morte de duas senhoras, sendo uma delas muito ativa e comunicativa na instituição. Diante da morte real de alguém que esteja na ILPI, os demais idosos deparam-se com a realidade da finitude.

A reconstrução de memórias a partir das emoções e da apropriação de sua própria história de vida pode ocorrer a partir deste jogo que possibilita compartilhar e transmitir as experiências e emoções vividas. A representação do envelhecimento como processo de formação ao longo da vida é apresentada por Frooken (2015) quando nos diz que eles “acontecem ao longo de toda a vida, indo do berço ao túmulo. Eles estão inseridos em biografias individuais e histórias de vida, bem como em um contexto sócio histórico. Para o indivíduo isso geralmente significa que uma espécie de contabilidade da vida é realizada na maturidade, o que pode ser entendida como uma apropriação da própria história de vida.” (FROOKEN, 2015, p. 18)

O fato de estarem em instituição de longa permanência onde pouco há de individual, pois quase tudo é compartilhado, não anula o desejo de disputa. Conforme Santos; Rossetti; Ortega (2006): “É possível aventar a hipótese de que a maturidade pode ser responsável pela vontade de ganhar do adversário em condições de igualdade e de conhecimento do sistema do jogo.” (SANTOS; ROSSETTI; ORTEGA, 2006, p. 67) Dessa forma, ao final de cada rodada do jogo, percebemos a alegria de ser um vencedor.

A reciprocidade socioemocional, que refere-se a possibilidade de comprometer-se com os outros compartilhando ideias e sentimentos, foi suscitada neste jogo, pois somos seres constituídos socialmente e a conquista do equilíbrio entre as emoções que nos forjaram é um desafio para toda a vida.

Como já foi apresentado, os idosos deparam-se com perdas e, diante da morte dos amigos que residem na instituição, é comum emergirem uma série de sentimentos tornando-os mais vulneráveis diante da realidade da finitude.

5 DESENVOLVIMENTO HUMANO E ENVELHECIMENTO: ENTRELAÇANDO PONTOS

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

O que uma criança, um adolescente, um adulto jovem e um idoso têm em comum? O envelhecimento.

Sempre estamos em processo de envelhecimento, ou seja, tornamo-nos mais velhos a cada dia, desde que fomos gerados.

Envelhecer, apesar das perdas e dos lutos inerentes ao processo é um desenvolvimento normal ao longo da vida.

No processo de envelhecimento estamos perdendo características e traços que nos identificavam. O reflexo no espelho já não é o mesmo, há um estranhamento. Instalam-se um temor da finitude e um princípio de confusão. Surge uma sensação de desconhecimento, semelhante à vivida anteriormente no início da adolescência.

A atual geração de idosos busca espaço e reconhecimento, observando a maturidade ser confundida com deterioro, incompetência e velhice, por um conceito prejudicial que confunde o processo de envelhecimento normal com patologia e morte.

Trata-se de uma geração sem adequados modelos identificatórios, pois, anteriormente, os poucos adultos que atingiam esse período vital, eram em sua maioria desvitalizados ou desadaptados, vítimas de uma senilidade precoce.

A pulsão de vida e o poder criativo do adulto maduro, desvinculados da intensidade do instinto de procriação, tornam-se livres para o exercício pleno do erotismo, da sensualidade, fundando um período de excelência no desenvolvimento do conhecimento e das habilidades.

Winnicott (1975) diz: “É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que a vida é digna de ser vivida”(WINNICOTT, 1975, p. 95).

A criatividade está mais além dos limites da idade e tem o poder, com sua força propulsora, de nos libertar do marasmo de apenas sobreviver e nos impedir para um viver pleno.

Não se pode deixar de investir, de crescer, de criar, que a morte e a destruição não anulam a beleza da renovação, processo que para a natureza é constante através do seu eterno recomeçar.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

É destino do homem, até o término de seu ciclo vital, lutar contra a estagnação, sendo impelido a inovar e renovar.

A criatividade humana, força motriz de nossas realizações, não envelhece nem se extingue com o passar do tempo, ao contrário, se reforça e se aperfeiçoa, servindo como um impulsor para uma vida de longa maturidade produtiva, permitindo que sejamos criativos até o momento de nossa morte.

Nosso adultecer é um processo contínuo, ascendente, de constante desenvolvimento e de difíceis adaptações, pois, se viver é uma conquista, envelhecer, certamente, é uma arte.

Os seres humanos, quando idosos, passam por declínios funcionais que são inevitáveis e, diante disso, o reconhecimento da mortalidade pode gerar ansiedade, depressão ou alguma desorganização emocional, provavelmente aparecendo nessa intervenção através dos relatos sobre o medo.

Segundo Erikson, citado por Hall; Garder e Campbell (2000), o desenvolvimento humano ocorre em oito estágios psicossociais e esses não devem ser vistos de forma cronologicamente rígida. Quando falamos em psicossocial, relacionando ao desenvolvimento humano, é importante destacar que este termo refere-se “especificamente que os estágios da vida de uma pessoa, do nascimento até a morte, são formados por influências sociais interagindo com um organismo que está amadurecendo física e psicologicamente.” (HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000, p. 166) Aqui, nos interessa mais especificamente o último estágio da vida que ele apresenta nomeando-o como “integridade versus desespero”. Integridade é como Erikson conceitua o último estágio do desenvolvimento. Para atingir o estado de integridade é feito uma espécie de contabilidade da vida, ou dos estágios anteriores, onde “depois de ter cuidado de coisas e pessoas, produtos e ideias, e de ter-se adaptado aos sucessos e fracassos da existência” (HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000, p. 175) o idoso pode avaliar suas realizações e desfrutar dos benefícios que advêm dos estágios anteriores. Assim, “ele preserva com dignidade um estilo de vida pessoal e defende-o de potenciais ameaças. Esse estilo de vida e a integridade da cultura tornam-se assim o “patrimônio da alma”.” (HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000, p. 175) Em contrapartida, emerge um “certo desespero em relação às vicissitudes do ciclo da vida individual e a condições sociais e históricas, para não falar do vazio da existência diante da morte.” (HALL; GARDNER; CAMPBELL, p. 175)

Os idosos institucionalizados e, principalmente, aqueles que são vítimas de abandono e maus tratos, sofrem mais com essa realidade e, sabendo que o fim está próximo, não é incomum demonstrarem medo e, por vezes, o desejo de morte. Percebem que a maior parte do

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

ciclo da vida já passou e não há tempo para “voltar atrás e tentar estilos de vida alternativos.” (HALL; GARDNER; CAMPBELL, 2000, p. 175)

Durante a intervenção o medo foi a emoção mais falada pelos idosos e, possivelmente esteja relacionada à compreensão de que a finitude é algo real e que está próxima. Diante da revisão da sua história de vida, o idoso poderá “olhar para trás e ver onde teve sucesso e onde falhou, e perguntar-se qual foi o significado de sua vida.” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010, p. 735). Os idosos que participaram do grupo tiveram os vínculos familiares interrompidos ou inexistentes. A retrospectiva da vida é feita entre os participantes assim como o compartilhar das lembranças e emoções vivenciadas no passado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que o ser humano envelhece, o corpo se transforma e os relacionamentos sociais também se modificam. O idoso naturalmente já teve perdas, muitas vezes significativas e poderá tender a isolar-se. As memórias do idosos ficam só para si causando dúvida do que realmente foi vivido e o que, com o tempo, foi se transformando. Diante da perda de entes e amigos queridos, outros vínculos afetivos podem ser construídos oferecendo mais saúde psíquica. Para que haja um envelhecimento saudável as redes sociais devem ser permanentemente estimuladas.

Embora a incompletude seja humana, podemos amenizar o isolamento e sofrimento através de contatos em grupos de convivência na busca de uma velhice saudável. A intervenção do Estágio Básico II tratou da realização de um jogo em grupo para a reconstrução de memórias a partir das emoções e da apropriação de sua própria história de vida. Assim, a intervenção permitiu compartilhar e transmitir as experiências e emoções acionando a memória, por meio de narrativas de suas vivências, reconstruindo sua história.

Um envelhecimento ativo e com o sentimento de valorização das vivências, pode ser construído mesmo diante de uma institucionalização. O ser humano tem a capacidade de adaptar-se a diferentes situações e também pode adaptar-se de forma saudável ao convívio institucional, porém todos os profissionais e, principalmente as intervenções da psicologia, poderão fazer com que o idoso sinta-se estimado neste contexto.

Na metáfora do ponto de capitonê, onde consideramos que as histórias vividas pelos idosos são repletas de pontos, amarras e tramas tecidas ao longo de toda vida, podemos afirmar que as intervenções da psicologia podem fazer a diferença na vida desses idosos.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

Essas intervenções podem encontrar os pontos de capitonê nessas histórias, através da escuta sensível das situações complexas trazidas por eles. Os pontos de capitonê são as amarras do que pode ser valorizado como resultado de toda a vida, sem cristalizar os sujeitos no lamento pelas oportunidades perdidas ou nos erros do passado. Afinal, somos seres constituídos socialmente e a conquista do equilíbrio entre as emoções que nos forjaram são um desafio para todas as etapas da vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Presidência da República. *Lei Orgânica da Assistência Social: Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993*, publicada no DOU de 8 de dezembro de 1993.

FREUD, Sigmund. *A transitoriedade*. In: Obras completas. v. XIV. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, (1916[1915])

_____. *Além do princípio do prazer* (1920). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18, p. 17-85.

FROOKEN, Insa. A formação na maturidade como apropriação da própria história de vida. *Educação & Realidade*. V. 40, n.1, p. 17-32. Jan./mar.2015. Porto Alegre: Universidade Federal do rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2015.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, Jonh B. *Teorias da Personalidade*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica S. (Orgs.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. 4 ed. Campinas: Papirus, 2004.

OSORIO, Luiz Carlos. *Psicologia Grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PAPALIA, Diane. E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 10 ed. Porto Alegre: Artmed.2010.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. *Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea*. Revista Ágora, n.4, p. 1-29. (<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901>) 2006.

¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br

SANTOS, Claudimara Chisté; ROSSETTI, Claudia Broetto; ORTEGA, Antonio Carlos. O funcionamento cognitivo de idosos e de adolescentes num contexto de jogo de regras. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v.9, p.53-74. Porto Alegre. 2006. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4785> Acesso em 10/05/2017

SOUSA, Carolina Silva; RODRIGUEZ-MIRANDA, Francisco P. (2015). Envelhecimento e Educação para Resiliência no Idoso. *Educação & Realidade*. V. 40, n.1, p. 33-51. Jan./mar.2015. Porto Alegre: Universidade Federal do rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. (1967). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



¹Graduanda em Psicologia. Doutora em Educação. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: maratresoldi@cesuca.edu.br

²Professora Mestra Orientadora do Estágio em Psicologia. Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: leticiafranco@cesuca.edu.br

³Psicóloga do Centro de Pesquisa, Formação e Acolhimento Rodrigo Marcelino e supervisora local do estágio. Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Adulto e Jovem. Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail lucianacsarmento@terra.com.br